Terra-Ilha

Maurício Andrés Ribeiro (*)

Quando visitei Fernando de Noronha tive a experiência de um ilhéu. Num arquipélago, tudo deve ser cuidadosamente calculado para que as ilhas se abasteçam de alimentos, materiais de construção, de água, de energia e para que sustentem a população local ou de visitantes. A capacidade local de produção de cada um desses itens é limitada. Distante do continente e com conexões limitadas com as fontes de suprimento, a ilha precisa importar alimentos, materiais e combustíveis de fora de seu território limitado pelo transporte marítimo ou aéreo, também planejado.

Construir uma edificação nova ou ampliar as existentes, um casamento e uma casa nova precisam ser regulados com cuidado, pois cada crescimento significa uma pressão adicional sobre a capacidade de suporte limitada da ilha. Também é necessário planejar a coleta e a disposição final de resíduos, por meio de navios-lixeiros que os levam para o continente. Há necessidade de produzir energia e água para o consumo, aplicando tecnologias para aproveitar o vento, o sol e para dessalinizar a água do mar.

Numa ilha, são muito claros os limites da capacidade de suporte do ambiente. Há problemas operacionais e logísticos para se sustentar.

Jared Diamond, no seu livro *Colapso*, estudou as ilhas de Nova Guiné, Dominica (Haiti e República Dominicana) e a ilha de Páscoa, entre outras. Ele relata o caso da ilha de Tikopia, na qual, num determinado momento, a sociedade tomou a decisão de eliminar a carne de porco do seu cardápio alimentar. Esse fato permitiu aproveitar melhor a sua limitada capacidade de suporte, pois os porcos disputavam a pouca área disponível para cultivos com a produção de alimentos para a população humana. Diferentemente da ilha de Páscoa, em que o desmatamento e a perda de capacidade de produzir seu alimento, levaram à extinção da população, Tikopia não entrou em colapso.

O Reino Unido ocupa uma ilha com espaço limitado. Para tornar-se um império precisou drenar recursos do mundo para sustentar seu estilo de vida, por meio da colonização política e o domínio econômico. No Japão, arquipélago densamente habitado, cada metro quadrado de área é valioso e precisa ser ocupado com cuidado, o que fez desenvolver um cuidadoso ordenamento do espaço e planejamento do território. O estudo das ilhas é valioso, pois permite perceber, em escala local, questões que se aplicam na escala planetária.

Visto de longe, o planeta Terra é uma ilha no universo, com capacidade limitada de recursos próprios. Trazer recursos de outros corpos celestes é problemático e caro; as tecnologias atuais ainda não viabilizam isso.

Os ilhéus estão cercados por um vasto oceano de água; os terráqueos estão cercados pelo vasto espaço sideral.

Os naufragos perdidos em ilhas lançam garrafas ao mar, com mensagens, na esperança de serem resgatados. Os seres humanos ilhados na Terra, já enviaram mensagens ao cosmos em busca de contatos com seres inteligentes de outras partes do universo.

A percepção e a consciência de se viver num local com limites exigem que se tomem decisões adequadas, para não provocar o colapso. Não é possível comportar-se por muito tempo fazendo de conta que o ambiente é inesgotável.

Num ambiente limitado, é preciso ajustar a demanda à oferta de recursos. Algumas civilizações antigas souberam compreender isso. A Índia, por exemplo, é uma sociedade que soube ser sustentável e que adotou hábitos de consumo alimentar, tais como o

vegetarianismo, que reduzem a pressão sobre a biocapacidade local. Adotou formas de organização do território com redes de assentamentos auto-sustentáveis. Nunca precisou colonizar outros países para deles extrair os recursos que sustentassem seu modo de vida. Pode ser uma referência e oferecer tesouros de sabedoria para a espécie do homo sapiens que rapidamente atinge e ultrapassa os limites de seu planeta - ilha.

(*) Autor dos livros “Ecologizar”, “Tesouros da Índia para a civilização sustentável” e “Ecologizando a cidade e o planeta”.

WWW.ecologizar.com.br mandrib@uol.com.br